



Home &gt; Ambiente &gt; Energia

# ATE: “a transição energética não é só renováveis, é um energy mix, é um conjunto de infraestruturas”

por **Diana Fonseca** — 19 de Maio, 2026 em Ambiente, Destaque\_Newsletter, Energia, Home Tempo de leitura: 4 minutos

Populares

A transição energética em Portugal não passa apenas pela instalação de painéis solares ou pela substituição de carros a combustão por veículos elétricos. Para **Andreia Fernandes, diretora executiva da Associação Aliança para a Transição Energética (ATE)**, trata-se de uma transformação estrutural da sociedade, da economia e das cidades, que exige inovação tecnológica, investimento, literacia energética e mudança de comportamentos.

Durante uma conversa com a Ambiente Magazine, a responsável apresentou o trabalho desenvolvido pela associação que gere um dos maiores consórcios nacionais ligados à inovação e capacitação para a transição energética. A iniciativa reúne 77 parceiros e está a desenvolver 63 produtos, processos e serviços na área da energia, da mobilidade e da descarbonização, apoiados por um investimento global de 254 milhões de euros, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).

A ATE funciona como entidade de coordenação do projeto, assegurando o acompanhamento técnico, administrativo e financeiro de dezenas de iniciativas desenvolvidas em simultâneo por empresas, universidades e centros de investigação.

“Existe uma complexidade significativa na gestão de plataformas de reporte e monitorização regulamentar e a ATE assume essa centralização para garantir a conformidade de todo o consórcio, libertando os parceiros para o foco na inovação”, afirmou.

## Cidades como laboratórios vivos da transição energética

Para Andreia Fernandes, as cidades têm um papel central na implementação da transição energética, funcionando como “modelos vivos” para testar soluções tecnológicas e novas formas de gestão urbana.

A responsável considera que “a transição energética não é só renováveis, é um energy mix, é um conjunto de infraestruturas”, por isso, na sua perspetiva, o verdadeiro desafio das cidades não é apenas tecnológico, mas humano e social.

Andreia Fernandes destacou que as cidades concentram pessoas, hábitos, necessidades energéticas e infraestruturas envelhecidas, tornando inevitável uma mudança de comportamentos.

Citou, inclusive, estudos da OCDE que apontam que, até 2050, cerca de 70% da população mundial viverá em cidades, muitas delas megacidades. Esse crescimento urbano, alerta, terá impactos profundos em infraestruturas críticas como redes de energia, saneamento, mobilidade e abastecimento de água.

## Infraestruturas antigas dificultam modernização

“Temos cidades baseadas em infraestruturas que têm de ser reabilitadas para trazer a possibilidade de estas tecnologias serem implementadas”, começou por dizer Andreia Fernandes, exemplificando com a instalação de bombas de calor em apartamentos antigos. Apesar de reconhecer os ganhos de eficiência energética associados à eletrificação, admitiu que muitos edifícios não possuem espaço ou condições adequadas para receber esses equipamentos.



Andreia Fernandes

Além disso, apontou os novos desafios associados à mobilidade elétrica e à gestão energética dos condomínios. Com o aumento do número de veículos elétricos, os edifícios precisam de gerir de forma inteligente a distribuição da potência disponível.

Segundo a responsável, já estão a ser desenvolvidas soluções de balanceamento inteligente de carregamento, capazes de distribuir automaticamente a energia disponível entre vários veículos.

A diretora executiva da ATE defendeu também que, nestes casos particulares, os condomínios são atores fundamentais na transição energética urbana e que é inevitável envolver moradores, municípios, operadores energéticos e empresas tecnológicas num esforço conjunto de modernização dos edifícios.

Considerando igualmente que as autarquias são parceiros estratégicos de proximidade, capazes de catalisar a transição urbana através do planeamento do território, da facilitação de processos de reabilitação e da promoção de boas práticas de eficiência energética.

Questionada sobre a meta portuguesa de atingir a neutralidade carbónica até 2045, Andreia Fernandes sublinhou que mais do que o debate em torno dos prazos absolutos, o foco deve estar na eficácia da execução e na criação de condições reais para atingir esses objetivos. A responsável reconheceu que estas metas têm uma função mobilizadora e política fundamental, sobretudo para alinhar Portugal com os objetivos europeus e atrair investimento internacional

.O essencial é “criar um ambiente de estabilidade e previsibilidade que permita atrair capital para projetos ligados à energia, à indústria e à inovação tecnológica”. Todavia, “há indústrias que não são eletrificáveis”, alertou, defendendo que setores industriais pesados continuarão a precisar de soluções alternativas, como gases sustentáveis e novas tecnologias de descarbonização.

### **Literacia energética será decisiva**

Um dos temas mais enfatizados foi a necessidade de aumentar a literacia energética da população: “conceitos como quilowatt-hora ou megawatt-hora estão distantes do quotidiano das populações”, revelou, acrescentando que “comunicar energia só é efetivo se traduzirmos a complexidade técnica em benefícios tangíveis para o dia a dia do cidadão”.

A ATE está ainda a desenvolver programas de capacitação e plataformas digitais destinadas à reconversão profissional de trabalhadores, que poderão ser afetados pela transformação energética, tendo em conta também a falta de talento que poderá “atrasar significativamente o desenvolvimento tecnológico europeu”.

### **Produtos da ATE querem ganhar escala internacional**

A ATE deverá concluir a fase de desenvolvimento tecnológico dos produtos até este ano e depois disso, começará a etapa de entrada no mercado, escalabilidade e internacionalização.

Andreia Fernandes explicou que cada produto está a ser desenvolvido por consórcios específicos compostos por empresas, universidades e centros de investigação.

Segundo a responsável, o objetivo passa por transformar Portugal num centro de demonstração tecnológica capaz de exportar soluções energéticas para outros mercados europeus e internacionais.

*Este artigo foi escrito no âmbito da participação da ATE na Portugal Smart Cities Summit 2026.*

**Etiquetas:** [Agenda Mobilizadora Aliança para a Transição Energética \(ATE\)](#) [descarbonização](#) [Portugal Smart Cities Summit \(PSCS\)](#)  
[transição energética](#)